



Influências e representações no vestuário feminino: a representação nos livros didáticos de história.

Letícia Oliveira Borges*

Resumo: Desde muito tempo, a moda dita à história. Através dos anos o vestuário foi se modificando e com isso a história também se modificou. Diante disso, objetiva-se evidenciar como a moda, através dos tempos, tem se articulado entre o fenômeno cultural e da simbologia através dos momentos históricos distintos, mas principalmente como o vestuário se apresenta em dois títulos de livros de História voltados para o 8º e 9º ano mais vendidos e aprovados pelo MEC em 2012. Este trabalho visa refletir a moda representada. Suas transformações, diferenciações características fundamentais dos modos de agir econômicos, culturais e sociais de cada época distinta. A sociedade modifica-se como um todo, dando lugar a novos ares, tendências, comportamentos, condutas morais, ponderações. Modifica-se o espaço, as vontades e constrói-se uma cultura social. No trabalho, serão apresentadas representações do vestuário através dos tempos como influências determinantes visando entender alguns comportamentos atuais.

Palavras chaves: Vestuário. Influências. Representações.

Abstract: Since long, the fashion dictates the story. Through the years the clothing was changing and with it the story also changed. Therefore, the objective is to show how fashion through the ages, has been articulated between the phenomenon and cultural symbology through different historical moments, but mostly as clothing comes in two titles history books aimed at the 8th and 9 years best selling and approved by the MEC in 2012. This work aims to reflect the fashion represented. Their transformations, differentiation fundamental characteristics of the modes of acting economic, cultural and social characteristics of each distinct season. Society changes as a whole, giving rise to fresh air, trends, behavior, moral conduct, weightings. Modifies the space, wills and builds a social culture. At work, will be presented representations clothing through the ages as decisive influences in order to understand some current behaviors.

Keywords: Clothing. Influences. Representations.

* História Licenciatura - Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Contato: leticia-stbi@hotmail.com



Considerações iniciais

O presente trabalho se propõe investigar e analisar as influências e representações presentes dos vestuários através dos tempos nos livros didáticos.

Trabalharemos aqui com a premissa de que a moda socializa-se com a história. A mesma vai se modificando com o passar dos tempos, deixando impregnado em cada período histórico sua marca. Diante disso, a representação, principalmente no que tange o vestuário feminino, se faz necessária para compreender diferentes aspectos da cultura e sociedade de determinadas épocas.

Ao demarcar os limites da pesquisa, optou-se pela pesquisa os títulos mais vendidos e aprovados pelo MEC em 2012 adentro do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD que circulam pelas redes municipais entre os anos de 2008 e 2012. Os dois livros didáticos analisados contemplam a 7ª e a 8ª série e circundam a história do período Contemporâneo até o contexto atual.

Os livros didáticos são ferramentas essenciais de intervenção entre o ensino e a aprendizagem segundo Selva Fonseca ele é “o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso a educação escolar” (FONSECA, 2011. p. 49). Ou seja, ele vincula conhecimento e para tanto manifesta-se socialmente no processo de formação do educando.

Para tanto, o trabalho aqui exposto, busca desenvolver através do suporte da proposta teórica Nova História cultural, a representação do vestuário através dos tempos versado nos livros didáticos. O próprio conceito de representação segundo Roger Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão são sempre determinados pelos interesses do grupo que as forjam (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a por uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um processo reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e conduta.” (CHARTIER,1986, p.27).

Ou seja, pode-se concluir a partir do que Chartier explicita que uma representação está distante de uma imparcialidade, e sendo assim percebe-se que os conteúdos explanados nos livros



didáticos estão recheados de ponto de vistas e ideologias arraigadas nos interesses de quem os remete.

Optou-se pela Nova História Cultural devido à compreensão que a mesma possibilita ao historiador analisar a cultura e também as mentalidades confluentes à história das coletividades. A metodologia auxiliará no entendimento e na interpretação sobre a representação e as influências representativas que a moda exerce como uma herança social.

A moda e seu tempo

Ao se estudar a moda como um fator social, percebe-se que a mesma não causa um furor no mundo intelectual. Ela é enaltecida em museus, mas é desprezada nas antecâmaras das preocupações intelectuais reais; está pelas ruas, na indústria, na mídia, e quase não é perceptível nos questionamentos teóricos das cabeças pensantes.

Ainda assim a moda compreende anacronismos instigantes, pois quanto mais a moda seduz, mais as consciências aderem ao real; quanto mais o lúdico prevalece, mais o *ethos* econômico é reabilitado; quanto mais o transitório ganha, mais as democracias são estáveis, pouco dilaceradas em profundidade, reconciliadas com seus princípios pluralistas. Percebe-se então que desde Platão a sedução e o transitório escravizam o espírito, são os próprios signos da clausura dos homens.

Conforme afirma o francês Lipovetsky:

“(...) a moda não pertence a todas as épocas nem a todas as civilizações. Ela é colocada (...) como tendo um começo localizável na história. Contra a idéia de que a moda é um fenômeno consubstancial à vida humano-social, afirmamo-la como um processo excepcional, inseparável do nascimento e do desenvolvimento do mundo moderno ocidental (...) Só a partir do final da Idade Média é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias. A renovação das formas se torna um valor mundano, a fantasia exhibe seus artifícios e seus exageros na alta sociedade, a inconstância em matéria de formas e ornamentações já não é exceção mas regra permanente: a moda nasceu” (LIPOVETSY, 1989, pag. 23).



Assim, pode-se dizer que o estudo da história da moda ou da vestimenta se faz necessária, devido sua grande importância e contribuição para os estudos das mentalidades sociais de diferentes momentos da história. Pois:

“(…)o vestuário é sempre significativo e em suas interpretações aproximamo-nos da organicidade da sociedade que o produziu. Afinal, em seus cortes, cores, texturas, comprimentos, exotismo, as roupas dão conta de imprimir sobre os corpos que as transportam categorias sociais, ideais estéticos, manifestações psicológicas, relações de gêneros e de poder” (CRANE, 2013, p. 22).

De acordo com Crane, o vestuário é significativo, pois suas representações influenciam e aproximam a sociedade de tal modo que as roupas transportam maneiras de ser, pensar e agir de uma sociedade.

Diante disso, Barthes assevera que:

O vestuário tem uma dupla origem, simbólica e instrumental. Simbólica, pois situa-se ao lado da linguagem e da arte; como objeto faz parte do conjunto de instrumentos através dos quais o homem interfere no ambiente natural, ou seja, no domínio da cultura material. Agindo como linguagem que faz circular a informação transmitida pelo vestuário entre indivíduos e grupos, reforça o conceito de individualidade e de identidade. Em todos os grupos sociais o vestuário é um meio de criar e manter identidade, surgindo como um objeto restaurador em todas as mudanças sociais e culturais vivenciadas pelas mulheres. A constituição deste objeto como documento ocorre a partir do contexto social em que ele se encontra inserido (BARTHES *apud* FAGUNDES, 2011, p. 8).

No entanto, a influência que a moda exerce sobre a história é tão grande que originalmente podemos destacar que uma parte da história é produto da moda. Desde o momento da Revolução Industrial que o vestuário, principalmente o feminino, passou a ser visto e encarado com outros olhos. O mesmo tem um caráter significativo no estudo da identidade histórica das relações sociais e de gênero. Ambos possuem em seu interior uma forma cultural de preservar os modos de vida de um povo.



Vê-se que a história do vestuário é com certeza alusiva as metamorfoses de estilos e ritmos precipitados de mudanças no modo de se vestir que impõem questões históricas à moda. O ambiente do parecer é aquele em que a moda se exerceu com mais rumor e radicalidade, aquela que, durante séculos, representou a manifestação mais pura da organização do transitório. Liame privilegiado do vestuário e da moda, que nada tem de inopinado, mas que repousa em razões de fundo. A moda não permaneceu alojada no campo do vestuário, longe disso. Paralelamente, em velocidades e graus diversos, outros setores – como o mobiliário e os objetos decorativos, a linguagem e as maneiras, os gostos e as ideias, os artistas e as obras culturais – foram atingidos pelos processos da moda, com suas paixões e suas oscilações rápidas. Nesse sentido, é verdadeiro pensar que a moda, desde que está colocada no Ocidente, não tem conteúdo próprio; forma específica da mudança social, ela não está ligada a um objeto determinado, mas é, em primeiro lugar, um preceito social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva. Nos séculos XIX e XX o vestuário, sem hesitação, foi que encarnou mais ostensivamente o processo de moda; ele foi o teatro de inovações formais mais aceleradas, mais caprichosas, mais espetaculares. Durante esse vasto período, o domínio da aparência ocupou um lugar hegemônico na história da moda; se ele não traduz, à evidência toda a estranheza do mundo das futilidades e da superficialidade, ao menos é sua melhor via de acesso, porque a mais bem conhecida, a mais descrita, a mais representada, a mais comentada. Não há teoria ou historicidade da moda que não assuma o parecer como ponto de partida e como objeto central de investigação. A inteligibilidade da moda passa em primeiro lugar pelo mágico, luxuoso, deslumbrante, ofuscante biótipo das aparências: tem-se aí o polo arquetípico da moda na era aristocrática.

Segundo Lipovetsky “durante cinco séculos, da metade do século XIV à metade do século XIX” (LIPOVETSKY, 1989, p. 25) inaugura-se a moda, com ritmo precipitado das futilidades e fantasias sistemáticas e duráveis. A moda vem a revelar traços sociais e estéticos acima das características penetrantes de grupos restritos que monopolizam o poder de iniciativa e de criação. “Trata-se do estágio artesanal e aristocrático da moda” (LIPOVETSKY, 1989, p. 25).

Silva afirma que “a vestimenta por muito tempo constituiu uma profunda forma de expressão da individualidade (...)” (SILVA, 2009, p. 20). A propósito disso, ainda segundo Crane “as interpretações em torno do papel social da moda revelaram a variação dos códigos que ela



veicula, ora indicando, por exemplo, o *status* de seu usuário, ora informando a filiação a valores específicos de um grupo” (CRANE, 2013. p. 7). Ou seja, a moda singulariza, dá luz às metamorfoses dos estilos e ritmos mutáveis no vestir que se impõe a concepção histórica da moda.

Diante disso,

“A moda é em última instância, uma forma de expressão artística, representando, como tal, o espírito de sua época. E, sendo moda uma arte, para compreendê-la em toda sua riqueza, tornar-se necessário não apenas focalizarmos os seus elementos estéticos, mas, principalmente, devemos inseri-la no seu tempo e lugar, no sentido de descobrir as profundas ligações que mantém com a sociedade que a produziu”. (SILVA. 2009, p. 32).

A sociedade produz a sua própria moda, ela singulariza a individualidade de cada ser que repete modelos herdados do passado, conservando sem falha maneiras de ser e de parecer. Por exemplo:

“As teorias em torno da moda proliferaram entre o final do século XIX e o início do século XX. O tema ocupou um lugar central nas reflexões de artistas e intelectuais empenhados em desvendar a dinâmica da modernidade – compreendida como o novo modo de vida que despontava no fluxo da cultura urbana e da sociedade industrial. Literatos e pintores descobriam nas ruas e nos espaços de consumo das grandes cidades o cenário de uma nova trama social na qual a aparência sobressaía como um elemento de destaque.” (CRANE. 2013, p. 9).

Percebe-se que a moda propriamente dita tem se apresentado de forma gradual, conforme o seu momento e a sua representação.

A moda, no sentido estrito, quase não aparece antes da metade do século XIV. Data, incutida, essencialmente em razão do aparecimento de um tipo de vestuário radicalmente novo, nitidamente diferenciado segundo os sexos: curto e ajustado para o homem, longo e justo para a mulher. Com a revolução do vestuário lançou-se bases do trajar moderno. Aquela toga longa e flutuante, usada mais ou menos indistintamente há séculos pelos dois sexos, foi trocada, por um



lado, por um traje masculino composto de um *gibão*, espécie de jaqueta curta e estreita, unida a calções colantes que apresentam a forma das pernas; por outro lado, substituiu-a um traje feminino que perpetua a tradição do vestido longo, mas muito mais ajustado e decotado. A grande novidade é, certamente, o abandono da longa e flutuante sobrecota em forma de blusão em proveito de um traje masculino curto, apertado na cintura, fechado por botões e descobrindo as pernas, modeladas em calções. Transformação que instituiu uma diferença muito marcada, excepcional, entre os trajes masculinos e femininos, e isso para toda a evolução das modas futuras até o século XX. O vestuário feminino é igualmente ajustado e exalta os atributos da feminilidade: o traje alonga o corpo através da cauda, põe em evidência o busto, os quadris, a curva das ancas.

A mudança não mais é um fenômeno acidental, raro, fortuito; tornou-se uma regra permanente dos prazeres da alta sociedade; o fugidio vai funcionar como uma das estruturas constitutivas da vida mundana.

Outra percepção fácil de ser detectada é que a moda muda incessantemente, mas nem tudo nela muda. Ou seja, as modificações rápidas dizem respeito sobretudo aos ornamentos e aos acessórios, às sutilezas dos enfeites e das amplitudes, enquanto a estrutura do vestuário e as formas gerias são muito mais estáveis. A mudança da moda atinge antes de tudo os elementos mais superficiais, afeta menos frequentemente o corte de conjunto dos trajes.

Ao que tudo indica a moda testemunha o poder dos homens para mudar e inventar a maneira de aparecer é uma das faces do artificialismo moderno, do empreendimento dos homens para se tornarem senhores de sua condição de existência.

“A moda tem ligação com o prazer de ver, mas também com o prazer de ser visto, de exhibir-se ao olhar do outro” (LIPOVETSKY, 1989, p. 39). As variações da moda convidam o estudo de si mesmo, o parecer do eu, o novo, à preocupação com o parecer. Com o passar dos tempos a individualidade foi tomando espaço e é preciso seguir a corrente e significar os gostos particulares. Tanto no vestuário, quanto no traje, no penteado, na maquiagem; signos imediatamente espetaculares da afirmação. “O individualismo na moda afirmou-se de maneira mais enfática e de modo sistemático na esfera do poder e nas cortes” (LIPOVETSKY, 1989, p. 45).



Percebe-se que no começo do século XX a moda modifica-se novamente. Surge uma moda de tendência “homogênea”, que repousa na rejeição do princípio da exibição majestosa e superior da hierarquia. Se antes as mulheres eram arquitetônicas como proas de navios e belas, agora parecem pequenas telegrafistas subalimentadas – dizia Poiret (POIRET apud LIPOVETSKY, 1989, p. 75). A alteridade social longe de ser supersignificada pelo traje é no presente oculta em razão da decadência dos signos da suntuosidade ostensiva. A moda se democratiza. Passa a ter um estilo sóbrio, torna-se mais usual, simples. A Alta Costura não deixa de criar vestidos de noite suntuosos, sofisticados, hiperfemininos. No entanto a moda cidade (esporte), sob a égide da discrição, do confortável, do funcional vem à tona. E de um outro lado, uma moda de noite mágica, realçando a sedução do feminino. A democratização da moda caminhou junto com a desunificação da aparência feminina: esta se tornou muito mais proteiforme, menos homogênea; pode atuar sobre mais registros, da mulher voluptuosa a mulher descontraída.

Conforme afirma Lipovetsky:

“A democratização da aparência correspondeu a extensão e depois a generalização do *desejo da moda*, outrora circunscrito às camadas privilegiadas da sociedade. (...) Ainda que, há séculos, camadas sociais ampliadas tenham tido acesso às modas, é só depois da Primeira e da Segunda Guerra Mundial que o “direito” à moda encontrará uma base real e uma legitimidade de massa. Está longe o tempo em que os sarcasmos tinham por alvo as classes inferiores imitando a aparência aristocrática.” (LIPOVETSKY. 1989, p. 79).

Ou seja, a moda só vem legitimar-se, a fazer sentido de ser o que é hoje, a partir das revoluções e das contribuições paralelas às organizações disciplinares e às instituições democráticas, que arranca das sociedades de ordem holista-tradicional¹, para se instalar normas universais e centralizadas, para instituir a primeira fase das sociedades modernas individualistas autoritárias.

¹ Neste ponto, o sistema holístico-tradicional é sintetizado em unidades de forma total. Onde, o homem como sendo um ser passível pode ser explicado, assim, através do conjunto do todo proporciona uma interpretação justa e satisfatória por meio de contribuições históricas.



Com a Alta costura aparece a organização da moda tal como se conhece ainda hoje, pelo menos em suas grandes linhas: renovação sazonal, apresentação de coleções por manequins vivos. Vê-se que ao mesmo tempo em que cada estação prescreve regularmente suas novidades, tornando imediatamente fora de moda o que “se fazia” antes, a moda é seguida o mais exatamente possível, em ordem cadenciada, os afastamentos, contestações e antimodas.

Ao longo dos tempos padrões foram sobrepostos, a indústria da moda veio a focar-se não apenas na produção de conceitos, estilos e roupas. Mas ostentação e luxo imperam como sendo singulares adjetivos que se vislumbram nas passarelas. Conforme afirma Caroline Freiburger Caron: “O padrão inatingível da beleza feminino difundido nos meios de comunicação e na moda tem, como em nenhuma outra época, construído estereótipos de beleza que são inatingíveis para a maioria das consumidoras” (CARON, 2013, p. 1). Ou seja, a tirania do parecer, do individualismo, torna-se cada vez mais uma pauta dos bens de consumo do uso no corpo feminino.

A moda vem a ser percebida e mostrada como um desejo pelo novo, expressada pelas mudanças e transformações conforme o seu tempo, e que desconstroem o passado, buscando novas formas, novas estéticas, novos biótipos experimentais e inovadores para assim, se estabelecer novas possibilidades de identificação. A moda uma linguagem, que através dos trajes desenham-se leituras que se mostram por signos e significados vistos nas relações interpessoais que as pessoas travam em seus cotidianos. Sua utilização se dá segundo sua sociedade, seus mitos, crenças e produções intelectuais.

A moda e os livros didáticos

Conforme podemos observar nos escritos acima, a moda vem para personificar ideais e valores de um período determinado. É através dela que se exprime nas sociedades uma multiplicidade de elementos fundamentais de distinção, seja ela sócio-cultural, de gênero ou mentalidade. Daniela Calanca nos diz que “de fato, a promoção da individualidade, o grande investimento no modo de aparecer, a estetização das formas e a modernização podem ser considerados hoje os traços principais do fenômeno da moda” (CALANCA, 2008. p. 73). E isso se apresenta distintamente através dos livros didáticos também. Pode-se observar que as figuras



ilustrativas das vestimentas diferem-se conforme a estratificação social e o tempo em que a mesma é apresentada. Vejamos algumas imagens que abarcam o século XVI:

Imagem 1

Fonte: Projeto Araribá história /
7ª série. p. 10



Imagem 2

Fonte: Projeto Araribá história / 7ª série. p.11.

Na Imagem 1, a distinção entre Nobreza e Clero é antagônica, as relações de poder são eminentes, consistindo sua singularidade. O parecer é muito significativo. Uma vez que a Nobreza se destaca pela luxúria, o corte, os adornos destacam sua posição, diante do clero, que mesmo possuindo luxo em suas vestimentas, ainda assim é mais polido em seu trajar, utilizando-se apenas de uma toga distinta. Na segunda imagem, a realeza e a nobreza figuram posições significativas, no entanto, a pompa real ainda figura mais *status* que a categoria inferior. Observa-se que “as roupas podem ser vistas como um vasto reservatório de significados, passíveis de ser manipulados ou reconstruídos de forma a acentuar o senso pessoal de influência” (CRANE, 2013. 22). Suas vestimentas nada mais versam que a sua posição social e a sua significação diante da sociedade.



Crane também exemplifica que:

“Até a Revolução Industrial e o surgimento do vestuário confeccionado por máquinas, as roupas geralmente se incluíam entre os mais valiosos pertences de uma pessoa. Roupas novas eram inacessíveis aos pobres, que vestiam roupas usadas, normalmente passadas por muitas mãos antes de chegarem a elas. Geralmente, um homem pobre possuía um único conjunto de roupas (...) Os que eram mais ricos o suficiente para possuir guarda-roupas consideráveis julgavam as roupas uma valiosa forma de propriedade para ser legada, após a morte, a parentes e criados. Os tecidos eram tão caros e preciosos que constituíam uma espécie de moeda de troca e frequentemente substituíam o ouro como forma de pagamentos por serviços.” (CRANE. 2013, p. 25).

Ou seja, a forma de vestir, das sociedades, indicava com muita precisão a posição do indivíduo diante de sua estratificação social.

Conforme o tempo passa, as imagens alteram-se, mas não tão significativamente, como vemos:



Imagem 4

Fonte: Projeto Araribá história / 7ª série. p.85.



Imagem 3

Fonte: Projeto Araribá história / 7ª série. p.78.



Imagem 5

Fonte: Projeto Araribá
história / 8ª série.
p.75.

A predominância sobre a posição social é visível. Sua distinção é acentuada conforme o período. O vestuário revela não apenas a classe social e o gênero, mas também frequentemente a ocupação, a corporação religiosa e a origem regional. É o que vemos, por exemplo, nesta imagem:



Imagem 6
Fonte: Projeto Araribá
8ª série. p. 19.

A imagem acima é composta por uma professora e alunos da escola missionária cristã em Xangai, China, por volta de 1855. Visivelmente percebe-se a origem a que os mesmos pertencem. Ou seja, o vestuário também é uma expressão cultural distinta. A roupa destaca, inclui e exclui dentro de um grupo ou sociedade. Salientando “um ponto importante (...) da constatação histórica do fato de que nas sociedades orientais, ao contrário da sociedade europeia, a mudança contínua das indumentárias e, portanto da moda como sistema não existe” (CALANCA, 2008. p. 24).

Com o tempo as sociedades se industrializaram, “no século XIX, a afiliação de classe social constituía um dos aspectos mais proeminentes da identidade pessoal” (CRANE, 2013. p. 26). Para tanto, a diferença nos usos do vestuário entre as classes sociais indicavam as relações interpessoais entre elas. Ainda nesse tempo, “as roupas representavam uma parte significativa dos bens de uma família de classe operária” (CRANE, 2013. p.26). E isso também é exemplificado nos livros didáticos. Percebe-se que os operários e trabalhadores distinguem-se significativamente de seus patrões e senhores. Conforme seus bens, assim são suas vestimentas. Calanca diz que:

“Ao exprimir uma correlação entre significados e valores, o binômio moda-mundanalidade não se refere, de fato, apenas à dimensão da



indumentária, mas também a àquela do corpo ‘revestido’. Um sujeito em formação constrói o seu estar no mundo, o seu estilo das aparências, por meio do aspecto visível. Concebida como *performance*, a imagem do corpo revestido define-se particularmente como uma construção sempre aberta à identidade material, como dimensão mundana da subjetividade. E isso a partir da concepção segundo a qual não existe um corpo ‘nu’, um corpo humano construído fora das relações de poder presentes na sociedade.” (CALANCA. 2008, p. 73-74).

Sendo assim, o vestuário está intimamente ligado às relações de poder, como pode ser exemplificado nas imagens abaixo, extraídas dos livros didáticos analisados:



Imagem 7

Fonte: Projeto Araribá 7ª série. p. 61.



Imagem 8

Fonte: Projeto Araribá 7ª série. p. 154.

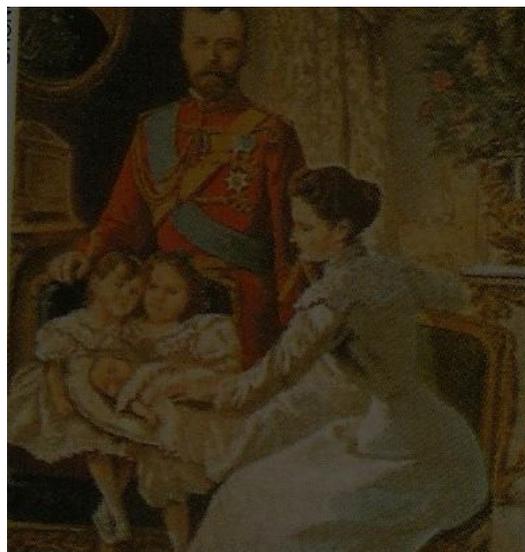




Imagem 9

Fonte: Projeto Araribá 8ª série. p. 85.

A moda é linguagem. Através do vestuário podem-se fazer leituras que se mostram por signos e significados, vistos nas relações interpessoais que a pessoa articula em seu cotidiano. Sua utilização, conforme vimos, é determinado por questões culturais, temporais, pelos valores de uma sociedade, crenças e produção intelectual.

Ao final do século XIX, as roupas tornaram-se gradualmente mais baratas e, portanto, “mais acessíveis às camadas baixas da população” (CRANE, 2013. p. 27). Um item indispensável, o vestuário, às vezes representava um luxo tanto para os ricos quanto para os pobres. Historiadores do vestuário concluíram que as roupas se democratizaram durante o século XIX, pois todas as estratificações sociais começaram a adotar tipos semelhantes de vestuário. No entanto as variações de hierarquias de classes ainda são visíveis nos usos de vestuário. E, para tanto, os livros didáticos continuam a demonstrar as discrepâncias desse momento, segundo a localidade e a classe a que pertencem.



A 14ª Avenida, em Nova York, 1910.

Imagem 10

Fonte: Projeto Araribá 8ª série. p. 32.



Centenas de manifestantes caminham desde a Praça da Bastilha, em protesto contra o pronunciamento do presidente Charles de Gaulle condenando as manifestações ocorridas em Paris, em maio de 1968.

Imagem 12

Fonte: Projeto Araribá 8ª série. p. 167.



O cafeicultor paulista Antônio Prado e sua família, em foto do início do século XX. Note a pose aristocrática das pessoas da família.

Imagem 11

Fonte: Projeto Araribá 8ª série. p. 51.



Imagem 13

Fonte: Projeto Araribá 8ª série. p. 136.

A moda, como observou-se, através dos livros didáticos, mudou, assim como as maneiras pelas quais as pessoas respondem a ela. Vê-se que a moda pós século XIX é muito mais multifacetada, em concordância com a natureza altamente fragmentada das sociedades pós-industriais.

É visto que os livros didáticos são instrumentos pedagógicos significativos, pois apresentam variadas possibilidades de abordagens e aprendizagens do saber histórico, ou seja, não é uma única fonte de saber, mas uma ferramenta essencial de auxílio a quem a utiliza. É através dele que se coletam pistas dentro dos conteúdos dos livros e, por conseguinte, a história vai se desvendando.

Considerações finais:

A moda compreende mudanças sociológicas, psicológicas e estéticas, intrínsecas as modificações do estudo de si mesmo, o parecer do eu e a preocupação do parecer no mundo. Suas influências se refletem não somente no mundo do vestuário, mas também nas transformações das mentalidades como um todo, como procurou-se demonstrar ao longo do trabalho. A moda depende muito das condições sociais, da composição da atmosfera, do eu em detrimento do outro e das relações de poder.

O contraste dos grupos que compõe uma determinada sociedade, a qual tende a se revelar através de certos sinais exteriores como a vestimenta – as maneiras, a linguagem, o espaço – é visível também na disposição das imagens apresentadas nos livros didáticos estudados em questão. Diante das transformações sociais em que predomina uma variedade muito grande de critérios de julgamento; em que as demarcações sociais não são intransponíveis e a comunicação entre os grupos é uma regra a vestimenta está



sempre em evidência e oferece, à primeira vista, a todos os observadores, uma indicação do padrão pecuniário.

Através do estudo da moda percebe-se que a vaidade do homem sente necessidade de ter, como marca de seu poder, um sinal encarregado de avisar a sociedade o lugar que ocupa. E assim o vestuário se constitui e foi assim que as roupas se transformaram, e se democratizaram com o passar dos tempos. É visto que, um transeunte, apenas olhando, distinguia um ocioso de um trabalhador, uma cifra de um zero. E os livros didáticos analisados demonstram isso claramente em sua cronologia. Isto porque a vestimenta é uma linguagem simbólica, um estratagema de que o homem sempre se serviu para tornar inteligíveis uma série de ideias como o estado emocional, as ocasiões sociais, a ocupação ou o nível do portador.

Com o passar do tempo, aos poucos vai se tornando difícil a distinção das classes pelos sinais exteriores da vestimenta. A medida que as diferenças exteriores se atenuam pela generalização da moda, o indivíduo tende a revelar o seu nível não mais pelo luxo do vestir, mas pela educação, jeito de andar, maneiras, etc.

Georg Simmel define as transformações na moda “como um processo de imitação das elites sociais por parte de seus inferiores sociais” (SIMMEL *apud* CRANE, 2013. p. 30). Ou seja, o reflexo da representação, através da moda, sem dúvida mexe com as estruturas de sua época e fundamenta arquétipos, que apesar de incipientes, empíricos e dependentes de estruturas de conhecimento ainda por se formar, perpassam os tempos. Podemos concluir, portanto, que a vestimenta adquiriu um status supérfluo e pouco analisado na academia.

As ilustrações ocupam demasiado interesse dos discentes, a roupa, o colorido, as diferenças da atualidade. Isso pode corroborar no modo de se ensinar. Visto que a moda está presente no cotidiano do estudante e sendo assim é de fácil assimilação.

Distintamente compreende-se que o livro didático muitas das vezes é um dos únicos livros que o discente irá ler ao longo de sua vida e para tanto precisa ser problematizado e analisado em todas as formas possíveis. Ou seja, as ilustrações, que estão por trás do conteúdo, são importantes, também, para que se estudem as representações.



Fontes:

MELANI, Maria Raquel Apolinário. **Projeto Araribá**. 7ª série, São Paulo: Editora Moderna, 2006.

_____. **Projeto Araribá**. 8ª série, São Paulo: Editora Moderna, 2006.

Referências Bibliográficas:

BARTHES *apud* FAGUNDES, Joyce Corrêa. **O RG Feminino Impresso no Vestuário**. In: _____. Anais Eletrônicos do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador. 2011.

CALANCA, Daniela. **História social da Moda**. 2. ed. Trad. Renato Ambrosio. São Paulo: Senac, 2008.

CARON, Caroline Freiberger. **Influência da Moda na Ditadura da beleza feminina**. Disponível em:
<[http://www.fiepr.org.br/nospodemosparana/uploadAddress/moda\[24229\].pdf](http://www.fiepr.org.br/nospodemosparana/uploadAddress/moda[24229].pdf)>. Acesso em: 18 maio 2013.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Galhardo. 2ª Ed. Portugal: Difel, 2002.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. 2 ed. Trad. Cristiana Coimbra. São Paulo: SENAC, 2013.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 12ºed. Campinas/SP: Papyrus, 2011.

LIPOVETSY, Gilles. **Império do efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas**. Tradução: Maria Lúcia Machado. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Ana Cristina. **O vestuário como elemento constituinte da identidade das mulheres de elite na Bahia (1890-1920)** - A partir da análise da Coleção do Museu Henriqueta Catharino em Salvador-Ba. Dissertação de Mestrado em História. Universidade de Feira de Santana – Feira de Santana, 2009.

Recebido em Julho de 2013
Aprovado em Agosto de 2013